

## O MUNDO ENTRE PAREDES - NOTAS SOBRE UM TEMPO DE CONFINAMENTO GEOGRÁFICO (MARÇO 2020-MARÇO 2021)

**Manuel Miranda Fernandes**

**CEGOT – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território**

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

*mjfernandes@letras.up.p*

Como citar este artigo:

Fernandes, M. (2020/21). O mundo entre paredes - Notas sobre um tempo de confinamento geográfico (março 2020-março 2021). *geTup, Revista de Educação Geográfica UP*, 5/6, 105-114.

ISSN: 2184-009

DOI: <https://doi.org/10.21747/21840091/geo5a9>

**RESUMO:** Neste apresentam-se, neste artigo, algumas notas sobre a experiência pessoal do autor durante o surto pandémico de COVID-19, o seu impacto no trabalho de investigação e o modo como foi possível superar algumas das dificuldades surgidas.

**Palavras-chave:** Confinamento; COVID-19; Fio de Ariadne; Labirinto.

**ABSTRACT:** In this article, some notes are presented on the author's personal experience during the COVID-19 pandemic outbreak, its impact on the research work and the way in which some difficulties were overcome.

**Keywords:** Sanitary lockdown; COVID-19; Ariadne's thread; Labyrinth.

### INTRODUÇÃO

Quando me foi proposto partilhar uma experiência pessoal de confinamento sanitário, decorrente do surto pandémico de COVID-19, que refletisse a forma como me ajustei à imposição súbita de prestação profissional “à distância”, pareceu-me que não encontraria qualquer dificuldade especial em fazê-lo. Não estamos, afinal, perante um fenómeno que atinge de forma transversal todo o globo, nivelando, por assim dizer, as sociedades humanas perante um risco biológico comum? Contudo, fazê-lo sob a forma de uma comunicação, no VI Encontro de Ensino de Geografia da Universidade do Porto, em 22 e 23 de outubro de 2021, rapidamente se afigurou uma incumbência de elevado risco. Apresentar uma comunicação num encontro científico é algo que faço regularmente, no âmbito do meu trabalho de investigação, centrado na circulação de plantas sinantrópicas e sua introdução em novos meios geográficos; porém, nesta circunstância, o “objeto de investigação” é e, desde logo, de escrutínio é o próprio investigador, que se vê, assim, exposto sem resguardo.

Face aos riscos que esta perspetiva comporta, optei por apresentar notas livres sobre o meu (des)ajustamento a uma situação inédita, que afetou a minha vida, tal como as vidas de todos nós. A comunicação apresentada suscitou algumas reações nos participantes do encontro mencionado,

transmitindo-me sinais de vivências análogas. Será possível, perante uma adversidade comum, que os humanos se reconheçam, de forma espontânea, como iguais? Partilho, neste texto, o essencial dessa comunicação, dirigindo-me a potenciais leitores como se estivéssemos sentados a uma mesa comum, conversando descontraidamente sobre o fim do mundo, tal como o conhecemos até ao final da segunda década do séc. XXI.

## O INÍCIO DE UM TEMPO ESTRANHO

No dia 13 de março de 2020 todos sentimos que algo estava prestes a mudar, da noite para o dia, na nossa vida pessoal e coletiva. Uma experiência inédita, alimentada por um novo risco sanitário, apresentado em tons apocalípticos, ia ter lugar. As escolas e universidades iam fechar. As lojas iam fechar. A restauração ia fechar. Os museus e as bibliotecas fechariam. Os teatros e cinemas também. Quase tudo ia parar (mas parar aonde?). A estranha realidade, vivida já noutros países, pressentida até esse momento através de imagens televisivas e de redes virtuais, ia atingir-nos como uma onda de silêncio que se propaga irremediavelmente. Nessa sexta-feira 13, muitos pais já não deixaram os filhos ir para a escola, alarmados por uma calamidade sanitária prestes a abater-se sobre todos. E, a partir da segunda-feira seguinte, 16 de março, tudo parou ou foi parando. As crianças e os jovens ficaram em casa. Muitos adultos também. As ruas esvaziaram-se. O trânsito automóvel reduziu-se a quase nada e os transportes coletivos circulavam vazios. À porta de uma loja, uma folha manuscrita avisava os clientes e as pessoas em geral: “Quanto mais cedo nos distanciarmos, mais cedo nos abraçaremos! Até breve...”. Noutra loja, um apelo veemente: “Sejamos frios, práticos e pragmáticos, ninguém morre por parar 15 dias, mais vale tentar controlar agora do que amanhã já ser tarde (...). Parem o país antes que seja tarde de mais”. Na rua onde fica o meu gabinete de trabalho, a Casa das Novidades, uma papelaria fundada há mais de um século, informava, gravemente, que “por razões óbvias estará encerrada por tempo indeterminado até novas indicações”. Entramos, assim, num tempo sem novidades, um tempo vazio. Pela rua fora, caminha um transeunte, resmungando alto: “Nem um café se pode tomar!”

## VAMOS TODOS FICAR BEM

Todos admitimos, como causa plausível desta situação, o aparecimento de um novo tipo de vírus, mais propriamente um novo coronavírus, de origem incerta, causador da síndrome respiratória aguda (SARS-CoV-2), doença que passou a ser designada por COVID-19. Como é sabido, o vírus foi detetado em seres humanos, pela primeira vez, na cidade chinesa de Wuhan, no início de dezembro de 2019, embora a investigação virológica admita a hipótese de o contágio humano ter ocorrido 1 a 2 meses antes dessa data (Roberts, Rossman & Jarić, 2021). O vírus rapidamente se propagou por outros países, tirando partido das redes de circulação de um mundo que Dani Rodrik (n. 1957), prestigiado economista de origem turca, designa como “hiperglobalizado” (Rodrik, 2011: xvii). Alarmada pelos níveis elevados de contágio, pela severidade dos efeitos causados e por uma preocupante inação, a Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020, designou a COVID-19 como uma pandemia. A fogueira mediática, empenhada em amplificar o menor sinal de descalabro, ergueu-se em labaredas crepitantes. Aproxima-se o fim do mundo, com possibilidade de transmissão em direto? Inconformado com o rebate global das campanhas sanitárias, alguém expôs numa montra, ao fundo da rua, um velho cartaz do “Pó Fulminante”, da fábrica de produtos Coração, “o mais poderoso inseticida” que mata “pulgas, percevejos, baratas, mosquitos... etc.” A morte, alada e negra, de caveira pálida, ainda com olhos nas órbitas e alguns dentes a menos nos maxilares, exhibe, nas suas mãos esqueléticas, embalagens deste pó inseticida, que deixa uma legião de seres, rastejantes ou voláteis, de patas para o ar, definitivamente fulminados. Que importa se artrópodes e vírus são organismos biologicamente díspares? Que importa se um misterioso pó inseticida é de eficácia nula contra os caprichos de um vírus instável? Que importa se o cartaz é antigo e o pó já não esteja à venda? Importante é reagir, ainda que com algum despropósito, não deixando cair num abismo sem fundo o ânimo que nos mantém vivos.

Diferentes tonalidades exibe outro cartaz, afixado no portão de entrada de uma instituição de acolhimento de crianças, onde o globo terrestre, colorido de azul e verde por mãos infantis, é envolto por um arco-íris, sob o qual se encontra uma quadra singela: “Nós ficamos em casa / Fica em casa também! / Que o vírus vai embora / E todos ficaremos bem!” Que outra coisa se poderá pedir às crianças que, felizmente, parecem ser quase ignoradas pelo vírus? Uma outra figuração do arco-íris, suspenso por uma nuvem em cada um dos seus extremos, circunda uma frase - “Vamos todos ficar bem” ☺, que se multiplica como um slogan, em cartazes afixados em janelas e varandas, forma de comunicarmos uns aos outros ☺ apesar do incêndio mediático, do estado de emergência oficial, e de nos sentirmos perdidos nesta estranha situação ☺, que ultrapassaremos coletivamente a dificuldade, prosseguindo as nossas vidas. Também eu colaborei na distribuição de esperançosos arcos-íris e coloquei um deles na janela de casa, voltado para as janelas dos vizinhos, onde se manteve durante longo tempo. Porém, ao olhar lá para fora, não é a esperança que encontro; revejo-me no que escreveu uma criança, durante uma aula lecionada à distância: “da minha janela vê-se o silêncio”. Sim, as ruas estão vazias de humanidade, o trânsito rarefez-se e as hordas turísticas, que tudo invadiam em tropel até março de 2020, eclipsaram-se subitamente, abrindo um dilatado espaço à respiração.

Ao percorrermos as ruas despovoadas, à medida que a primavera de 2020 avança, nimba-nos uma nostalgia involuntária: um regresso momentâneo aos ritmos da infância, ao tempo em que as ruas, a certas horas do dia (ou da noite), eram mais silenciosas e tinham menos gente, e os automóveis ainda cabiam nas cidades. Nesta fortuita acalmia, neste abrandamento generalizado, nesta tranquilidade algo angustiosa, encontrei, tal como muitas outras pessoas, um tempo propício à decantação ☺ operação que permite distinguir o essencial do acessório fútil, dando nova clareza ao que é prioritário, desentulhando literalmente a vida. Contudo, face ao desenvolvimento da situação epidemiológica, até março de 2021, esta forma imprevista de leveza foi-se alternando com uma sombria inquietude.

### “ESTE VÍRUS QUE NOS ENLOUQUECE”

Durante o período em que as livrarias estiveram encerradas, deparei-me, num hipermercado, com uma tradução portuguesa, acabada de sair do prelo, do livrinho sobre a pandemia que o filósofo francês Bernard-Henri Lévy (n. 1948) publicara recentemente em França. Este proeminente intelectual de origem argelina havia sido notícia entre nós, em 2019, ao apresentar em Lisboa, no Teatro Tivoli, a conferência-performance “À procura da Europa”. Agora, neste livrinho de capa vermelha, escrito em tom revoltado, encontro um eco das minhas próprias perplexidades: vivemos a epidemia “não somente da covid, mas do medo que se abateu sobre o mundo”, “uma fuga coletiva, agravada pelos noticiários e pelas redes sociais, os quais, à cacetada, dia após dia, com os números de recuperados, moribundos e mortos, nos trouxeram para um universo paralelo onde não há, em lado nenhum, qualquer outro tipo de informação, deixando-nos literalmente loucos” (Lévy, 2020: 9-13). Retomando um argumento do controverso Jacques Lacan (1901-1981), B.-H. Lévy afirma estarmos “diante do surgimento de um «ponto real» verdadeiro, que nos ataca e que temos de atacar, que abre um buraco no conhecimento e para o qual não temos imagem” (op. cit.: 13).

Ora, é precisamente a imagem do novo vírus que se viria a impor à nossa atenção. Muito poucos terão visto, alguma vez, em laboratório, o seu aspeto microscópico, mas, a partir do final de janeiro de 2020, passamos a ser assombrados por uma imagem agigantada do vírus SARS-CoV-2, de aspeto tridimensional, que se multiplicou por todo o tipo de documentos e suportes informativos, tornando-se omnipresente. Esta imagem, concebida pelos designers Alissa Eckert e Dan Higgins, resultado de uma encomenda da organização norte-americana *Centers for Disease Control and Prevention* (<https://phil.cdc.gov/>), representa o vírus como uma esfera cinzenta, salpicada de pontas vermelhas brilhantes, que lhe conferem aparência coroniforme (figura 1a). Muito distinta é a imagem do vírus, obtida pelo microscópio eletrónico de transmissão, em meio de cultura laboratorial, mas certamente muito menos inteligível ou apelativa para o público em geral (figura 1b). Estamos, afinal, perante um processo de construção da imagem de um objeto natural, que não parece diferir essencialmente da produção de outras imagens da natureza

inédita, apesar dos meios sofisticados agora disponíveis. Podemos evocar, por exemplo, a natureza que navegadores e naturalistas encontraram, durante o período de expansão marítima europeia - plantas, animais e modos de vida inteiramente desconhecidos - difundida, numa fase inicial, com o auxílio de desenhos, pinturas e xilogravuras, nem sempre fidedignos aos seus modelos originais. Além disso, as imagens do vírus SARS-CoV-2, usadas na comunicação com públicos não especializados, não são neutras, podendo condicionar a perceção do fenómeno e a formação de juízos desacertados sobre a informação científica veiculada, tal como foi recentemente evidenciado. O conteúdo das imagens, e os seus atributos formais, influenciam significativamente o comportamento individual perante o fenómeno pandémico (Andreu-Sánchez & Martín-Pascual, 2021).

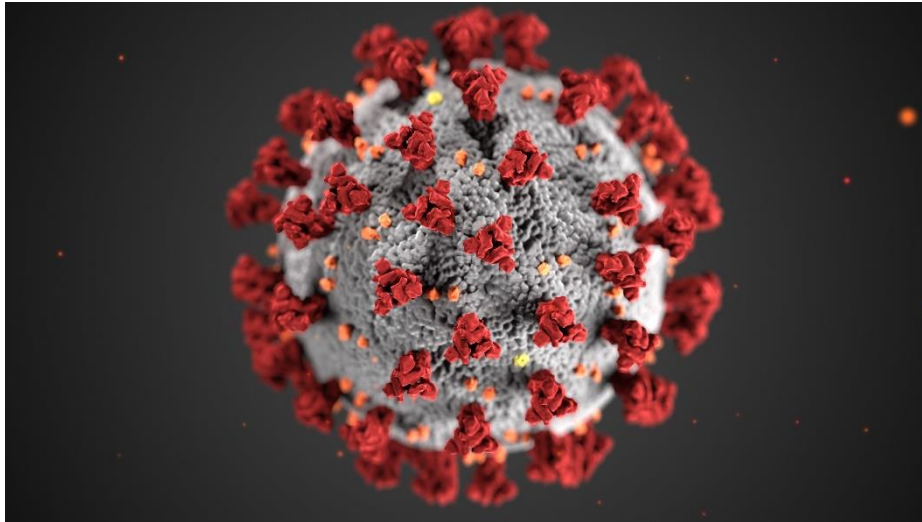


Figura 1a). Primeiro modelo 3D do novo coronavírus, por Alissa Eckert e Dan Higgins. Fonte: *Public Health Image Library* (PHIL), disponível em <https://phil.cdc.gov>.

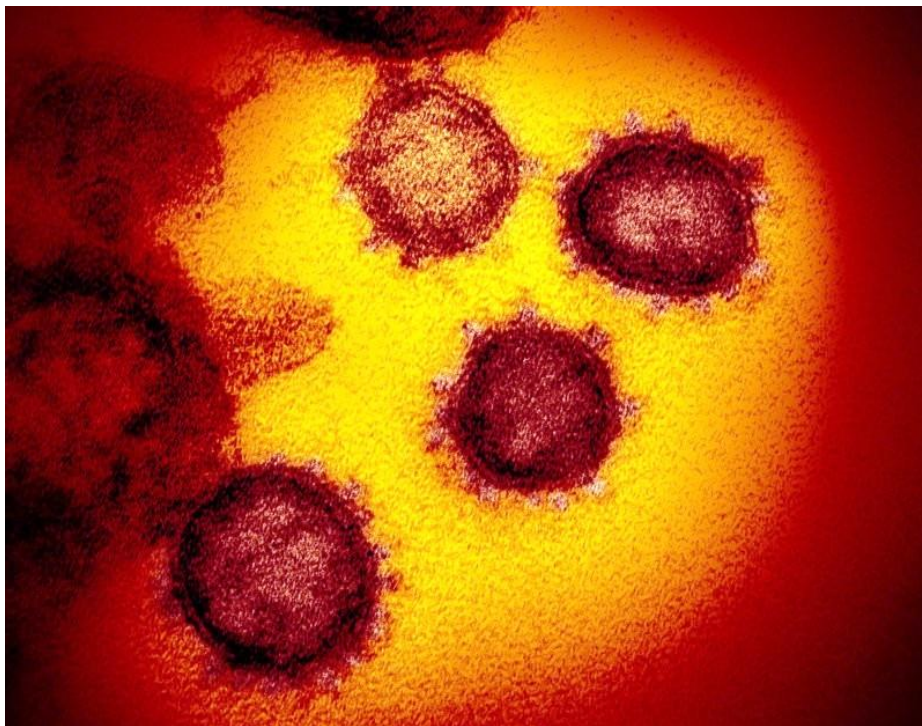


Figura 1b). Imagem do novo coronavírus (SARS-CoV-2), obtida por microscópio eletrónico de transmissão. Fonte: *National Institute of Allergy and Infectious Diseases* (NIAID), disponível em <https://www.flickr.com/photos/niaid>.

## ENTRE PAREDES, NO LABIRINTO

Enquanto tudo isto se passava em meu redor, onde estava eu, em relação ao meu trabalho de investigação? Não encontro melhor resposta do que a imagem do labirinto e suas variações. Pode tratar-se do labirinto mitológico, situado na Ilha de Creta, descrito por Ovídio (43 a.C.-18 d.C.), influente poeta latino, contemporâneo de Horácio e Virgílio. Como é sabido, Dédalo, arquiteto ateniense exilado em Creta, foi incumbido pelo rei Minos de construir um labirinto para aí encerrar o temível Minotauro, insaciável comedor de carne humana. Numa gravura de Crispijn van de Passe (c.1564-1637), notável gravador e impressor holandês, o labirinto é representado na sua ilusória regularidade, suspenso sobre a água, com algumas árvores crescendo, de forma insólita, no seu interior, e o Minotauro figurado no centro, em luta com outra personagem (figura 2). Do lado direito da gravura, Teseu conversa eloquentemente com a formosa Ariadne, filha do rei Minos, que traz numa mão o rolo de fio que permitirá ao jovem príncipe ateniense percorrer o interior do labirinto, matar o Minotauro e encontrar a saída. Esta gravura, publicada numa edição magnificamente ilustrada das *Metamorfoses* de Ovídio (1607), simboliza, de forma expressiva, as dificuldades do trabalho de investigação, que pode ser percecionado como um labirinto, de paredes altas, que é necessário percorrer infatigavelmente, em busca de respostas, sem nele nos perdermos de forma definitiva. Através das paredes, ouve-se resfolegar o Minotauro, encarnação do desânimo, da vontade de desistir que acomete recorrentemente o investigador. Nessas ocasiões, o fio de Ariadne deverá permanecer seguro na mão, sinalizando o caminho já percorrido, permitindo aproximar-nos do Minotauro, preparados para o abater de um só golpe.



Figura 2. Teseu e Ariadne, gravura de Crispijn van de Passe, 1602-1607, da edição ilustrada das *Metamorfoses* de Ovídio (1607). Fonte: Rijksmuseum, RP-P-OB-15.946, <http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.322414>.

## CONFINAMENTO: ABRANDAMENTO E LIMITAÇÕES

O confinamento sanitário, que começamos a viver em março de 2020, impôs uma adaptação a novas circunstâncias, o que, evidentemente, não foi um processo instantâneo. O primeiro impacto que senti, de fio na mão, metido entre as paredes do labirinto, foi um abrandamento do ritmo do meu trabalho de investigação. Passei a fazer tudo mais devagar, por vezes mesmo muito devagar, embora com maior

exigência perante os resultados obtidos. Inversamente, as horas do dia voavam então com inusitada rapidez. A esta lentidão involuntária, ainda que produtiva, associou-se um tempo sem marcas, sem os rituais que pontuam, desde sempre, o fluir do quotidiano: desapareceram os encontros pessoais, os momentos de celebração coletiva, a festa, comutados por sucedâneos online. Talvez daqui derive o desfaseamento cronológico que experimentei, como se às notas da partitura do tempo alguém houvesse subtraído as barras de compasso. Não tive dúvidas quanto ao dia ou ao mês em que me encontrava, mas o ano de 2020, no seu todo, pareceu dissolver-se no calendário, tomando a forma de um buraco temporal, de tal modo que, ainda hoje, há hesitações, quando procuro precisar o ano em que estávamos ou situar um acontecimento então ocorrido.

Este processo de abrandamento foi agravado por um rol de limitações, impostas com força legal, que procuraram evitar a disseminação do vírus e reduzir os seus efeitos. Andar na rua foi desaconselhado, a não ser em caso de justificada necessidade. As deslocações no território nacional foram restringidas, com a impossibilidade, nalguns momentos, de circular para fora do concelho de residência. As viagens para o estrangeiro tornaram-se virtualmente impossíveis, com uma redução sem precedentes dos níveis de tráfego aéreo. A realização de reuniões presenciais foi suspensa, e a organização de conferências e outros eventos científicos foi cancelada ou adiada. A realização de trabalhos de campo, sobretudo em equipa, condicionada por estas imposições, foi adiada ou ficou sem efeito. As bibliotecas públicas, os arquivos e outros repositórios foram temporariamente encerrados, condicionando de forma drástica o acesso à informação, sobretudo quando esta ainda não se encontra disponível na Internet. Como sair do labirinto, quando o fio que Ariadne nos pôs nas mãos parece dissolver-se no próprio ar?

## REENCONTRAR OS FIOS QUE NOS LIGAM

Nesta situação, um fio formou a rede que nos manteve ligados uns aos outros, tornando possível continuarmos presentes e desenvolver trabalho, um fio virtual, ligando-nos remotamente através dos ecrãs de computador, dos telemóveis e de outros dispositivos de comunicação à distância. O telefone, móvel ou fixo, permitiu atenuar o confinamento através da escuta, à distância, da voz do outro, suscitando uma renovada disponibilidade para conversas mais demoradas. Através dos ecrãs, pudemos voltar a ver o rosto inteiro uns dos outros, livre de máscaras sanitárias. Mais do que isso, em várias reuniões online, entramos no espaço uns dos outros ☞ no escritório, na sala, no quarto, na cozinha, na varanda ☞ e partilhamos um espaço normalmente vedado à curiosidade alheia. Os objetos aí existentes também comunicam connosco, de forma não-verbal: aquela estante (ou outra peça de mobília) parece-se com a que tenho em casa, ali está um livro de que também possuo um exemplar, há um quadro na parede ou outro elemento decorativo que me é familiar...

Esta partilha inédita do espaço privado de cada um/a contribuiu para lançar pontes silenciosas sobre os muros do labirinto, tornando-nos mais próximos e fazendo-nos sentir parte da mesma matéria humana, a partir de improváveis denominadores comuns. Alguns elementos sonoros também evidenciaram, imprevistamente, a nossa proximidade mútua: uma criança que chama (ou se senta ao colo do pai ou da mãe), um cão que ladra ou um gato que mia (ou que irrompe frente ao ecrã), uma ambulância que passa na rua. Alguém nos liga e, esquecidos de desligar o microfone do computador, combinamos perante uma audiência remota a hora de entrega de uma encomenda ou a chegada do canalizador...

Se é certo que passamos a usar a videoconferência como um recurso frequente para comunicar à distância, em direto ou em diferido, com uma facilidade que muitos não suspeitariam de ser capazes, não é menos certo que este uso recorrente, reiterado, causou um estado de saturação, por vezes designado “zoomificação” (Steininger, 2020). Além disso, nem todos foram capazes de se revelar, insistindo em manter a câmara vídeo desligada durante reuniões online, ou camuflando o local onde se encontravam com cenários virtuais. Sinal, porventura, de que nada se substitui ao encontro presencial, cada vez mais desejado, ao longo deste estranho tempo em que fomos forçados a distanciar-nos.

## HORTUS CONCLUSUS: PERCORRENDO O LABIRINTO

O estado de emergência, em Portugal ☑ declarado pela primeira vez em 18 de março de 2020 (Decreto do Presidente da República n.º 14-A/2020), renovado por duas vezes, seguindo-se a passagem ao “estado de calamidade” -, condicionou vários trabalhos em que me encontrava envolvido. Entre estes, a elaboração de um plano intermunicipal de adaptação às alterações climáticas, na região do Alto Tâmega, projeto ambicioso, realizado por uma equipa pluridisciplinar. Os trabalhos foram desenvolvidos à distância, com reuniões feitas por videoconferência, até que, no início de junho, as medidas sanitárias afrouxaram e a equipa de trabalho pôde encontrar-se presencialmente. Ao longo de um percurso de altos e baixos, determinados pelas circunstâncias epidemiológicas, este plano seria finalmente concluído em abril de 2021 (<https://cimat.pt/piaac-at/>), num momento em que já se tinha iniciado o desconfinamento sanitário.

Prossigui também, a partir de junho de 2020, trabalhos de campo em parcelas de ensaio na Serra do Marão, numa colaboração com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no âmbito do projeto “OPEN2PRESERVE – Modelo de gestão sustentável para a preservação de espaços abertos de montanha” (<https://open2preserve.eu/>). Os trabalhos de campo, sobretudo quando envolvem a caracterização da flora silvestre, transportam-nos a um tempo e a um lugar que parecem imunes à situação epidemiológica, como antídoto eficaz contra o confinamento.

Mas, mesmo durante o período de confinamento, surgiram oportunidades estimulantes, como a colaboração na série de *podcasts* “Ficções Botânicas”, no âmbito do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (figura 3). A partir de espécimes e documentos do Herbário, contendo fragmentos de informação discreta e indiscreta sobre coletores e aficionados da botânica, foram imaginadas cartas por eles nunca escritas. Até ao momento, foram produzidos oito episódios desta série (<https://mhnc.up.pt/podcasts-ficcoes-botanicas/>) e apresentada uma comunicação sobre a sua produção, numa conferência internacional, realizada online (Gaspar, Gusmão, Fernandes, Fonseca, & Vieira, 2021).



Figura 3. Imagem gráfica da série de *podcasts* Ficções Botânicas. Fonte: Museu da História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP), disponível em <https://mhnc.up.pt/podcasts-ficcoes-botanicas/>

Quanto ao meu trabalho de investigação no CEGOT, sobre a introdução e circulação de acácias em Portugal e na Região Mediterrânica, publiquei uma nota na *newsletter* da Report(h)a – Rede Portuguesa de História Ambiental, sobre uma imagem seiscentista que representa, lado a lado, duas espécies de acácia, nativas em cada um dos lados do Atlântico (Manuel Miranda Fernandes, 2020). Ficou também concluído, e foi submetido à Revista de Guimarães, um artigo em coautoria sobre a expedição etnobotânica “Em busca da acácia perdida”, realizada no Egito em dezembro de 2019, agora prestes a sair do prelo.

Retomei também o projeto “Árvores-Memória”, no âmbito d’A Oficina / Casa da Memória de Guimarães, com a publicação de um artigo (Fernandes, 2021) e a preparação de um colóquio sobre património arbóreo em Portugal, que seria realizado em dezembro de 2021 (<https://www.casadamemoria.pt/detail-eventos/20211213-coloquio-por-cima-destas-arvores-fermosas/>).

A esta resenha de atividades, realizadas entre o início do confinamento, em março de 2020, e o desconfinamento sanitário, em março de 2021, pode acrescentar-se um momento especial: a edição, há muito aguardada, do livro de atas do XIV Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões “Em torno do património cultural religioso”, realizado em 2018, no qual colaborei com um artigo (M. M. Fernandes, 2020).

Através destes e de outros trabalhos, fui-me movendo no labirinto, deixando atrás de mim o Minotauro degolado, sabendo, não obstante, que ele poderá ressurgir noutra ocasião, renascido como a fénix. Porém, concluir cada etapa de trabalho é um momento de provisória alegria, capaz de provocar uma metamorfose: as paredes altas do labirinto transformam-se em matéria vegetal, uma sebe arbustiva de reduzida altura, um sinuoso jardim que podemos percorrer de olhos fechados ☹ como Borges poderia ter feito no labirinto de buxo que lhe foi dedicado em Veneza, cidade que melhor representa, em todo o mundo, diz-se, a essência do labirinto (Pasquettin, 2021).

## UM MUNDO SEM PAREDES

No Dia Mundial do Livro, celebrado em confinamento, em 23 de abril de 2020, deparei-me com uma coleção de livros de viagem, *Terra Incognita*, no escaparate de um hipermercado, talvez o único sítio público onde um leitor podia então folhear livros, como já mencionei. Entre eles, chamou-me a atenção um título, Breviário Mediterrânico, de Predrag Matvejevitich (1932-2017), autor de origem jugoslava (bósnia), cuja escrita é conotada com o campo da geopoética, sendo a capa do livro ilustrada por uma imagem de Veneza. Entrei de forma irresistível na leitura intensa deste singular breviário, nela encontrando uma forma de viajar, alargando o espaço restrito de circulação que me fora imposto, libertando-me, por esta via, do confinamento sanitário. O mundo entre paredes? Graças à leitura, as paredes dissolveram-se e pude navegar no Mediterrâneo, aventurando-me numa floresta flutuante de “diversos tipos de naves, a remos ou com velas (...); botes de acácia, de sicómoro ou ainda de papiro (que constitui indubitavelmente uma das primeiras ligações entre a navegação e a escrita), processos para recurvar a madeira, tão dura, do cedro-do-líbano, para trabalhar o carvalho, a azinheira ou o ulmeiro da quilha, a lárice proveniente das regiões frias, a faia, o pinheiro ou a amoreira destinados ao cavname e ao bordo, o cipreste dos mastros e das antenas, o freixo e o ácer das pás dos remos” (Matvejevitich, 2019: 79-80). Poderia saber Ariadne que um livro é um fio seguro que nos resgata a tempos sombrios?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O confinamento sanitário imposto em Portugal, a partir de março de 2020, suscitou uma nova geografia de relações, num mundo que se encerrou entre paredes. O fio que teceu a rede que nos manteve em contacto foi, como vimos, um fio virtual, através de meios de comunicação à distância, nunca

antes tão amplamente utilizados. A proximidade virtual foi o contraponto possível ao isolamento físico a que nos vimos remetidos, à imposição sanitária que nos impediu de sair do lugar onde estávamos.

É certo que a experiência de cada um, e a forma como resolvemos as nossas dificuldades, serviram de inspiração mútua, o que ajudou a superar vários problemas, desenvolvendo, num contexto em permanente mutação, uma maior capacidade de adaptação a situações imprevistas. Assim, fomos aprendendo a viver com uma agenda em aberto, preparada para, a cada momento, encontrar um plano alternativo.

Para quem se dedica ao trabalho de investigação, foram várias as portas que se abriram, num mundo aparentemente fechado. Os eventos online, nacionais e internacionais, desde reuniões de trabalho a conferências e congressos, tornaram-se mais acessíveis. Por via remota, foi possível participar em eventos que, em condições pré-pandemia, seriam inacessíveis, fosse por exiguidade orçamental, fosse por limitações de agenda. Deste modo, o estabelecimento de contactos e o alargamento de redes de investigação foram estimulados, o que podemos considerar globalmente positivo.

Muitos foram os debates suscitados pela situação pandémica, nos quais é discutido o real impacto da doença e analisadas as implicações políticas e sociais emergentes do novo quadro sanitário. Muitos pontos de vista foram e continuam a ser objeto de apaixonada disputa. Entretanto, uma vasta produção bibliográfica orientou-se para as questões sanitárias, a todos os níveis, produzindo leituras mais profundas ou mais estereotipadas de um processo no qual todos estamos envolvidos.

Fruto deste tempo estranho, não podemos omitir a brutal proibição de nos apertarmos mutuamente as mãos, embora justificada pela situação sanitária. A falta desse sinal palpável de contacto humano, de ligação afetiva e mesmo de ação criadora foi uma das dificuldades mais difíceis de aceitar, apesar dos gestos alternativos, francamente ridículos, que nos vimos forçados a adotar.

Enfim, seguindo o fio que nos foi posto nas mãos, teremos já encontrado uma saída do labirinto, pessoal e coletivo? É imprudente dar uma resposta, qualquer que seja, quando tantas voltas estão ainda por dar.

## Agradecimentos

Aos organizadores do VI Encontro de Ensino de Geografia UP, Prof.<sup>a</sup> Elsa Pacheco, Prof.<sup>a</sup> Laura Soares e Prof. João Garcia, pelo seu amável convite, permanente estímulo e infindável paciência.

A H.S. e R. P., pela leitura do manuscrito e pelos comentários críticos.

-

## BIBLIOGRAFIA

- Andreu-Sánchez, C., & Martín-Pascual, M. Á. (2021). The attributes of the images representing the SARS-CoV-2 coronavirus affect people's perception of the virus. *PLOS ONE*, 16(8), e0253738.
- Fernandes, M. M. (2020). Acacias in a botanical theatre: linking the old and new worlds [On-line]. *Newsletter Report(h)a - Rede Portuguesa de História Ambiental*, 29-04-2020.
- Fernandes, M. M. (2020). Um percurso 'peripatético': notas sobre a paisagem vegetal do mosteiro de São Cristóvão de Lafões. In H. Osswald & L. C. Amaral (Eds.), *Em torno do Património Cultural Religioso – Livro do XIV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões* (pp. 67-85). São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões.
- Fernandes, M. M. (2021). Árvores-Memória. Um projeto de investigação para o repositório da Casa da Memória de Guimarães. *Revista Oficina*, 1, 38-47.
- Gaspar, R., Gusmão, P., Fernandes, M. M., Fonseca, M. J., & Vieira, C. (2021). The MHNC University of Porto collections 'on air': Communicating botany, archaeology and ethnography collections through storytelling and podcasting. *University Museums and Collections Journal*, 13 (1), 27-28.

- Lévy, B.-H. (2020). *Este Vírus Que Nos Enlouquece*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores [Tradução de João Luís Zamith e André Tavares Marçal].
- Matvejevitch, P. (2019). *Breviário Mediterrânico*. Lisboa: Quetzal Editores [Tradução de Pedro Tamen].
- Ovidius, P. (1607). *XV Metamorphoseon librorvm figurae elegantissime, a Cr[i]spiano Passaeo, laminis aeneis incisae: quibus subiuncta sunt epigrāmata latine ac germanice conscripta, fabularum omnium summam breuiter ac erudite comprehendentia*. [Köln e Arnhem]: Prostant apud Crisp. Passaeum calchographium Coloniensem et Ioannem Jansonium tipographium Arnheiniensem.
- Pasquettin, E. (2021). Il labirinto di Borges è un libro aperto. *éNordEst - Giornale online*, 20-07-2021.
- Roberts, D. L., Rossman, J. S., & Jarić, I. (2021). Dating first cases of COVID-19. *PLOS Pathogens*, 17(6), e1009620.
- Rodrik, D. (2011). *The Globalization Paradox: Democracy and the Future of the World Economy*. New York and London: W.W. Norton.
- Steininger, S. (2020). Toto, we are not in Kansas anymore: A critical reflection on Zoomification. *VerfBlog*, 4-08-2020.